

Retrato de Moacyr Scliar: um depoimento em primeira pessoa

Luiz Antonio de Assis Brasil

São poucos os que conseguem unir várias capacidades sem causar desequilíbrio na sua face pública, e Moacyr Scliar é um bom exemplo de como essas capacidades podem se harmonizar. Como homem múltiplo, foi médico de saúde pública, contista, romancista, ensaísta, cronista e jornalista.

Conheci-o através de uma entrevista que ele concedeu à Rádio da Universidade, em 1968, quando lançava *O carnaval dos animais*. Ouvi uma voz algo metálica, que depois o tempo se encarregaria de abrandar. E essa voz contava as diversas leituras de sua juventude e, entre elas, Kafka. O autor tcheco dominava seus pensamentos e, aparentemente, moldava o escritor em formação. Quando li *O carnaval dos animais*, entretanto, percebi que estava perante um autor que já possuía seu próprio modo de narrar; sim, havia o surrealismo kafkiano, mas não só. Havia o conhecimento profundo da tradição literária, que ultrapassa Kafka e insere-se numa vertente que percorre toda a história da literatura do Ocidente, unindo nomes como E. T. A. Hoffmann e Edgar Allan Poe.

Depois veio o conhecimento pessoal, e isso ocorreu em 1976, quando publiquei meu primeiro livro; foi um conhecimento ainda superficial, de Feira, quando ele me cumprimentou pelo lançamento. Atenção cortês, que não implicava a leitura da obra, naturalmente, mas dito de tal maneira calorosa que deixou encantado o estreante. Naquela altura, os grandes nomes, como Erico Verissimo, Dyonélio Machado e Cyro Martins, situavam-se num plano transcendental, sobre-humano – assim nós os colocávamos, naturalmente. Então Moacyr, com seu cumprimento, tornava-se um dos nossos. Isso foi comprovado pela mesma gentileza que dedicava a outros jovens escritores. Eis aí uma questão fundamental: por mais que ele adquirisse consciência crítica, nunca desencorajou os jovens, e isso, com o tempo, com o início de sua página semanal da *Zero Hora*, tornou-se uma praxe. Ocupadíssimo – ele ainda trabalhava na Secretaria da Saúde –, sempre encontrou tempo para destacar trechos dos livros alheios, reproduzindo-os no jornal. Também me acostumei aos bilhetes que me mandava – e não só a mim – em papel com o formato de receituário médico. O conteúdo variava, mas em geral referiam-se a algo que eu tivesse feito e que ele considerava importante de ser elogiado. Posso me enganar, mas penso que nunca escreveu uma crítica destruidora, essa atitude infantil a que sucumbem os que não possuem talento. Essa característica, do homem solidário, ele nunca a negou, exercendo de modo exemplar uma inequívoca cumplicidade com os novos. Procuravam-no muito, naturalmente, para que ele desse opiniões sobre as primeiras linhas dos iniciantes. Um dia me ligou: “Luiz Antonio [depois da minha mãe, o Moacyr era único que me chamava por esse meu nome infantil, mas que sempre entendi como afeto], vamos combinar assim: quem eu ache que precisa melhorar o texto, eu sugiro a tua oficina, certo?”. Eu, é claro, concordei na hora. Cumpriu o trato, e eu cumpri. Muitos dos sugeridos por ele hoje são escritores consagrados, ou em vias disso.

Quando começou a trabalhar com a vertente judaica, descobri que tínhamos um autor, mas também um ser humano, que vitalizava e humanizava a legião de moradores do Bom Fim, que víamos à frente de seus estabelecimentos comerciais da Osvaldo Aranha, obsequiosos e tímidos. De repente, essa legião mostrava suas contradições, suas personagens curiosas, suas individualidades, sofrimentos e alegrias. Kafka era judeu, sim, mas seus textos referem-se ao cidadão sem nome nem genealogia. Com Moacyr Scliar esse homem tem uma família e vive o cotidiano de qualquer uns, fora, portanto, da aura mitológica que os não judeus lhe atribuem. Isso era novo, radicalmente novo em nosso meio e outros meios. Ademais, representava o surgimento da capacidade de autorreflexão de uma etnia, o que só foi possível quando seus representantes, ultrapassada a primeira geração imigratória, começavam a adquirir *status* cultural suficiente para isso. O surgimento de um “escritor judeu” não deixava de significar um salto cosmopolita para a província que então éramos. Lembro-me que, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde eu era um jovens professor, o Centro Acadêmico promoveu um debate sobre o tema do judaísmo, e Moacyr lá esteve, e foi brilhante em dizer o óbvio, que se sentia tão gaúcho quanto todos nós. Isso, que era uma redundância para os que o conheciam, contudo, impressionou a todos que ali estavam. Essa ideia de compromisso com a “regionalidade”, ele a iria aprofundar em obras posteriores, como *Mês de cães danados*, *Uma história farroupilha* e *Cavalos e obeliscos*. A província ao Sul, naquele tempo – hoje a coisa mudou –, respirou aliviada: o Moacyr era um dos nossos.

A temática judaica impregnou boa parte de sua obra, sem, entretanto, dominá-la por completo. Dela herdou o humor discreto, quase melancólico, patético às vezes, mas sempre irremediável. Suas personagens situam-se naquele tênue limiar entre o sofrimento e a comoção.

O episódio da Academia Brasileira de Letras não foi apenas glória e reconhecimento – merecidos. Houve um certo rumor de que ele ia para a Academia por conta da não eleição de Mario Quintana. Isso me desagradou, e escrevi um texto mostrando que Moacyr ingressava na casa de Machado de Assis pela porta da frente, pela qualidade absoluta de sua obra. Antes de publicar, enviei-o ao amigo, por *e-mail*. Ele me ligou e me advertiu: “Mas tu sabes que estás comprando uma briga com um pessoal aí...”. “Talvez”, eu respondi, “mas quero saber se me autorizas a publicar”. De imediato respondeu: “Está autorizadíssimo. Quem seria eu para te impedir de alguma coisa?”. O texto saiu, e a repercussão foi esclarecedora e positiva.

Um fato que sempre me intrigou foi seu extremo talento de escrever com velocidade. Para o Moacyr, escrever era uma alegria, um prazer. Jamais entendeu os escritores que consideram uma tortura o ato de escrever. De brincadeira, ele disse: “Pois se é uma tortura, por que escrevem?”. O fato é que podia trabalhar em simultâneo uma quantidade enorme de textos, sem que um contaminasse o outro, e os entregava todos no prazo. Mesmo no hospital, quando ainda consciente, trabalhava em seu *laptop*.

Penso que essa produção espantosa, que rivalizava com Balzac, derivava da circunstância de que tinha muito a dizer, mas não deixa de ser um prodígio a contabilidade de seus livros e textos avulsos. Não tinha apenas o dom de escrever muito, mas de escrever a qualquer hora, em qualquer lugar. Encontrei-o no aeroporto de Congonhas, num dia de calor infernal. Vi-o a uma das mesas daquele saguão de bricabraque. Ele escrevia numa folha de papel avulso, talvez do hotel onde se hospedara. Aproximei-me. Ele me viu. Convidou-me para

sentar. Longe disso, eu não queria atrapalhar. Ele insistiu. Sentei-me. Só me pediu um tempinho para terminar uma frase. Terminou sua frase, em sua letra redonda e fácil. Largou aquilo e começamos uma conversa que durou até o salão de embarque, quando nos separamos. Ele não vinha para Porto Alegre. Ele me deu um vivaz “até logo”, e emendou “em Porto Alegre”, e fez um gesto de quem girava, com o indicador, os dias que deveriam passar até nosso próximo reencontro. Não sei o porquê, foi tudo tão simples e ocasional, mas fiquei com aquela imagem dele, girando, ou melhor, desfiando os dias. Era assim sua vida, tocar em frente.

Uma das passagens de que mais me envaideço na minha biografia foi quando servi de cicerone, em Lisboa, à Judith e ao Moacyr. Estávamos lá em função de um encontro literário que se realizava na Torre do Tombo. Acompanhado do Walter Galvani e sua Carla, que então moravam na capital portuguesa, descemos toda a Avenida da Liberdade e desembocamos no Rocio, para depois subirmos ao Chiado. No meu gosto por Eça de Queiroz, procurei ligar os espaços que percorríamos a passagens dos livros do velho Eça. Em certo momento ele exclamou: “Esse Luiz Antonio deveria ser nomeado embaixador em Portugal”, do que rimos muito. E depois fomos, todos, saborear um estupendo almoço no Bairro Alto.

Naquilo que significava suas relações pessoais, possuía um rosto acolhedor, humano – mas tinha horror ao drama. Isso poderia ser confundido com ausência de emoções, mas era tudo ao contrário. Ele as tinha, e fortes. Raramente eu o enxerguei amargurado com alguém; ele procurava desviar de assunto quando este o incomodava. Certa vez toquei numa crítica particularmente injusta e severa, que alguém escrevera acerca de um livro seu. Procurei mostrar a evidente desqualificação intelectual do autor da crítica. Moacyr ouviu-me em silêncio e, depois de um tempo, disse: “Não concordo com o que ele escreveu, mas, enfim, Luiz Antonio, ele disse o que achava que deveria dizer. Eu também digo as minhas coisas, não é?”.

Quando ficou doente, todos lamentamos, mas nunca estivemos conscientes da tragédia próxima. O Moacyr era um homem que se cuidava minuciosamente e instigava a todos a se cuidarem. Numa manhã clara de outono nos encontramos na rua, em plena Protásio Alves. Caminhávamos, de tênis, calção e camiseta. Ele me disse, na passagem: “É um crime, Luiz Antonio, pararmos agora para conversar, mas o que tu estás escrevendo agora?” – e seguiu adiante, enquanto eu lhe dizia, olhando para trás: “Um romance...!”. Em outra ocasião perguntou-me acerca dos exames habituais que um homem deve fazer, se eu já o havia feito naquele ano. Minha resposta deixou-o preocupado: “Mas então corre para fazer. Com essas coisas não se brinca”. Ele não brincava com sua própria saúde. Além de caminhar, jogava basquete semanalmente, e, claro, fazia todos os exames, a deduzir pela ordem que me deu.

Assim, a notícia de que estava hospitalizado, e mal, me deixou atônito. Deixou atônitos a todos. Aquilo só poderia ser uma obra de ficção. De um momento para outro aquele organismo tão saudável despencava de sua autossuficiência, desregulava-se, e algo maior do que ele tomava conta de seu corpo. Naquele instante escrevi um texto na *Zero Hora* que falava dele no tempo presente, terminando com “essas todas são razões [há muitas mais] para que se possa dizer que Moacyr Scliar representa o exemplo do escritor, do estimulador de talentos, do cidadão, do amigo. E fiquemos à espera do próximo livro”. Judith leu o texto para ele e, pela reação fisionômica, ele entendeu, embora não pudesse expressar melhor do que com uma lágrima.

Vieram as complicações, a inconsciência, o fim.

Dizemos que os escritores não morrem, porque permanecem vivos em sua obra. Mas alguns escritores não poderiam morrer no ponto máximo de sua arte, pois suas obras ficam incompletas.

Moacyr Scliar é um desses.

Quem sabe, onde está, ele ainda nos faz o seu amável gesto do aeroporto de Congonhas: “vamos seguir em diante, desfiemos os dias”.